

TRÊS DÉCADAS DE ENCONTROS E REENCONTROS CONFIGURAM O NOVO PERFIL DEMOGRÁFICO DA NUPCIALIDADE BRASILEIRA 1991, 2000 E 2010

Flávio Henrique Miranda de A. Freire

Professor do Programa de Pós-graduação em Demografia, do Programa de Pós-graduação em Estudor Urbanos e Regionais da UFRN. E-mail: fhfreire@ccet.ufrn.br.

Moisés Alberto Calle Aguirre

Professor do Programa de Pós-graduação em Demografia e do Departamento de Demografia e Ciências Atuariais da UFRN. E-mail: calle@ccet.ufrn.br.

RESUMO

O objetivo do presente artigo é realizar uma análise descritiva e comparativa das transições entre os estados conjugais por sexo e idade da população brasileira entre os anos 1991, 2000 e 2010. Utilizaram-se as informações do Registro Civil e do Censo Demográfico (IBGE), de 1991, 2000 e 2010. Para transformar as taxas em probabilidades de transição, utilizaram-se conceitos de tabelas de sobrevivência, mais precisamente tabelas multiestados. A proporção de solteiros tem aumentado sistematicamente em ambos os sexos entre 1991 a 2010, já a de casados experimentou tendência inversa. Nos três períodos analisados a probabilidade de casar pela primeira vez continua sendo maior nas mulheres com relação aos homens, já o recasamento é mais provável por parte do homem do que entre as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: *Nupcialidade. Tábuas Multiestado. Transição entre estados conjugais.*

ABSTRACT

The purpose of this paper is to make a descriptive and comparative analysis of the transitions between marital status by sex and age of the population between the years 1991 2000 and 2010. Authors used the information of the Vital Statistics Reports and Census (IBGE), 1991, 2000 and 2010. To turn rate for transition probabilities, we used the concepts of life tables, more precisely multistate life tables. The proportion of singles has grown steadily in both sexes from 1991 to 2010. However, married experienced reverse trend. In the three periods, the probability of marrying for the first time is still greater in women compared to men, since the remarriage is more likely on the part of man than among women.

KEYWORDS: *Marriage. Multi-state Life Table. Transition between marital States.*

RESUMEN

El objetivo del presente artículo es realizar un análisis descriptivo y comparativo de las transiciones entre estados maritales por sexo y edad de la población brasileña entre los años 1991, 2000 y 2010. Fueron utilizadas las informaciones del Registro Civil y del Censo Demográfico (IBGE), de 1991, 2000 y 2010. Para transformar las tasas en probabilidades de transición, se utilizaron conceptos de tablas de sobrevivencia, más precisamente tablas multiestados. La proporción de solteros ha ido aumentando sistemáticamente en ambos sexos entre 1991 e 2010, la de casados experimentó tendencia inversa. En los tres periodos analizados la probabilidad de contraer nupcias por la primera vez, continúa siendo superior en las mujeres en relación al de los hombres, en el caso del re-casamiento la probabilidad es superior en los hombres en relación al de las mujeres.

PALABRAS CLAVE: Casamiento. Tablas Multiestados. Transición entre estados maritales.

INTRODUÇÃO

A composição da nupcialidade nas últimas três décadas apresenta mudanças de forma acentuada como se pode apreciar na distribuição percentual da população de 15 anos e mais por sexo, segundo o estado conjugal desde 1980 até 2010 (Tabela 1). Os resultados mostram que nesse período, a população no estado de solteiros aumentou em ambos os sexos e a de casados tanto em homens como em mulheres diminuiu. Esse fato pode ser explicado devido à mudança na estrutura etária da população, no ingresso ao matrimônio, cada vez mais, a idades mais maduras e também pelo aumento significativo das uniões consensuais.

Na mesma Tabela, se pode apreciar que as mudanças nas proporções do estado do divórcio e separação são mais marcantes nas mulheres (de 0,2% em 1980 passa a 2,9% em 2010), do que nos homens (que varia entre 0,1% e 1,5% no mesmo período). O estado de viuvez tem comportamento sem grandes oscilações no período considerado, seja nas mulheres, seja nos homens. Contudo, chama a atenção o grande diferencial no percentual do estado de viuvez segundo o sexo. Enquanto o percentual de mulheres no estado de viuvez gira em torno de 8%, os homens no estado de viuvez não atingiram 2% ao longo do período estudado. Uma hipótese que estaria explicando esse diferencial pode ser imputada à sobremortalidade masculina, principalmente devido às mortes por causas externas que afetam os homens adultos jovens. Desta forma, se além do homem ter uma probabilidade de morte maior do que a mulher, ele ainda em geral

é o mais velho do casal, conseqüentemente a chance dele ser viúvo será tanto mais baixa quanto menor for a mortalidade feminina com relação à masculina. Embora tenham ocorrido estas mudanças na dinâmica nupcial, o casamento formal ainda continua como a forma de união que, tanto homens como mulheres privilegiam.

Tabela 1 – Nordeste: Distribuição percentual da população de 15 anos e mais, por sexo segundo o estado conjugal

Ano	1980		1991		2000		2010	
	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
Estado conjugal								
Solteiro(a)	37,0	32,4	37,3	31,0	39,7	35,8	36,1	30,9
Casado(a)	49,9	46,1	45,3	41,7	37,6	35,0	36,7	35,1
União								
Consensual	8,5	7,8	12,5	11,5	18,6	17,3	23,0	21,5
Desquitado(a) ou Separado(a)	1,3	3,7	2,1	5,7	-	-	1,1	1,7
Divorciado(a)	0,1	0,2	0,4	0,9	1,1	2,3	1,5	2,9
Viúvo(a)	1,8	7,8	1,6	7,7	1,4	6,4	1,7	8,0

Fonte: Censos Demográficos: 1980/1991/ 2000 e 2010, IBGE.

Esta análise se torna o ponto de partida para abordar a nupcialidade em seu processo dinâmico, ou seja, que nos leva a responder perguntas como: Qual a probabilidade de um matrimônio terminar em divórcio? Ou, declarado o divórcio, qual seria a probabilidade de voltar a casar? Quanto tempo se esperaria que durasse um matrimônio.

A tábua de vida “multiestado” é um bom dispositivo para analisar este fenômeno demográfico, já que através dela é possível seguir uma coorte (real ou hipotética) de nascimentos expostos a um conjunto de taxas de casamento, divórcio, viuvez e morte por estado conjugal. Desta forma, esta metodologia constitui-se no instrumento capaz de responder as perguntas que foram formuladas anteriormente, pois proporciona uma armação detalhada para a análise de tendências e diferenciais na formação e dissolução da família. Conseqüentemente, o presente trabalho objetiva realizar uma análise descritiva e comparativa das transições entre os estados conjugais por sexo e idade da população brasileira entre os anos 1991, 2000 e 2010 utilizando tábuas de multiestado, isto é, a passagem que poderiam experimentar as pessoas quando transitam de um estado para outro (solteiro para casado, casado para divorciado, divorciado para casado, casado para viúvo). Para isso serão calculadas taxas de transição entre os estados conjugais, probabilidades de transição dos estados conjugais: i) solteiro para

casado, ii) casado para separado judicialmente, iii) casado para divorciado, iv) divorciado para casado e v) casado para viúvo, isso tudo através da tábua de vida multiestado; concomitantemente será calculada a esperança de vida em cada estado conjugal, por sexo e idade.

O trabalho está estruturado em quatro itens, além desta introdução. No primeiro, é feita uma breve referência aos antecedentes teóricos das tábuas de vida multiestado. No segundo item descrevem-se as fontes de dados utilizadas e a metodologia das tábuas de multiestado, em sequência são expostas as análises dos resultados e para finalizar com a exposição das considerações finais.

REFLEXÕES TEÓRICAS

Em demografia, a nupcialidade compreende o estudo da formação e da dissolução das uniões¹. Definido no sentido amplo, o conceito demográfico da nupcialidade engloba os matrimônios, as separações, divórcios e viuvez (NEWELL, 1988). Em um sentido mais restrito e próximo ao uso habitual se entende por nupcialidade a celebração religiosa e ou administrativa do matrimônio. Trata-se, a diferença de eventos demográficos como a fecundidade e a mortalidade, de um fenômeno puramente social, seu estudo por parte da demografia a estado estreitamente vinculado: i) à fecundidade na medida em que este componente estava condicionada pela idade do acesso ao matrimônio e ii) na análise da estrutura da população, aqui o conhecimento da nupcialidade interessa por si mesmo, pois a composição de uma população segundo o estado conjugal é uma característica qualitativa importante para análise demográfico (LIVI-BACCI, 1993; BIXBY, 1978).

Diferente da mortalidade, o matrimônio é reversível (separações e divórcios), repetível (núpcias posteriores) e normalmente voluntário (importância da tomada de decisões individuais e compartilhadas). Além disso, na análise da nupcialidade se distinguem questões tão diferentes como: quantos se casam? (solteira final), quando se casam (calendário, incluindo a análise conjuntural)? Quem se casa e com quem (eleição de cônjuges: idade, residência, outras características socioeconômicas)? São

1. Por união se entende coabitação mais o menos estável de um casal, sancionada pela lei ou a costume. O termo compreende os matrimônios (matrimônio civil ou religioso) e as uniões estabelecidas sem nenhuma formalidade ou cerimonia, denominadas uniões consensuais, uniões livres ou convivência.

estes elementos, dentre outros, segundo Livi-bacci (1993) que estariam caracterizando a dinâmica da nupcialidade.

Uma das técnicas que dá conta dessa dinâmica é denominada tábuas multiestado. Segundo Spenshade e Eisenberg (1982), esta técnica foi desenvolvida inicialmente para a análise de padrões e fluxos migratórios inter-regionais. Mais tarde, o uso desta metodologia foi aplicado em áreas distintas de pesquisa como: força de trabalho (ativo e inativo), causas de morte e nupcialidade.

Schoen e Nelson (1974) e Spenshade e Braun (1982) argumentam que o modelo da tábua de vida multiestado, referente à nupcialidade surgiu na década dos 30 do século passado. Posteriormente, nos anos 40 do século passado, Niessen (1949) e Jones (1962), propõem tábuas somente para a análise da viuvez. Um avanço com relação a esses dois últimos foi feito por trabalhos como os de Jacobson (1959) que construíram tábuas de recasamento, viuvez e divórcio. Krishnan (1971), também utilizou essa técnica só mostrando tábuas de divórcio. Mais recentemente citam-se os trabalhos de McCarthy (1977, 1978) e Manken *et al* (1981), que incorporaram no desenvolvimento da técnica a história de casamentos.

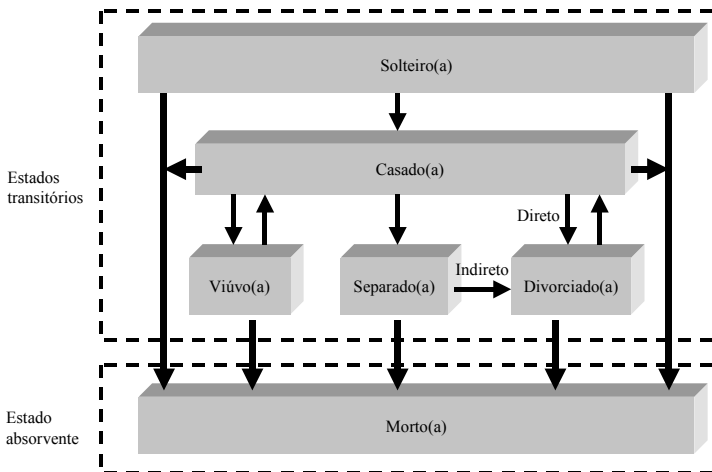
Ainda, Willekens *et al* (1983); Spenshade e Eisenberg, (1982) desenvolvem a técnica da tábua de vida multiestado de maior precisão para observar o movimento das pessoas de uma coorte na passagem de um estado nupcial para outro. Essa tábua foi idealizada como um “sistema” no qual seus componentes funcionam de forma articulada, considerando que entre a vida e a morte existem quatro momentos no estado da nupcialidade pelos quais a população transita: solteiro (a), casado (a), viúvo (a) e divorciado (a). A dinâmica do sistema reconhece a existência de um estado denominado absorvente (a morte) e de três estados denominados transitórios (casado, viúvo e divorciado). Nos estados transitórios, as pessoas podem experimentar movimentos de um estado conjugal para outro, isto é, as pessoas solteiras podem se tornar casadas, as pessoas casadas podem se tornar viúvas ou divorciadas; as quais, por sua vez, podem voltar a casar.

No modelo dos autores acima citados leva-se em consideração cinco estados nupciais pelos quais se espera que as pessoas transitem em sua vida nupcial. Já para o caso brasileiro, esse modelo sofre algumas variações, como consequência de normas legislativas vigentes no país. Essas variações são percebidas no caso particular da separação, reconhecida de duas formas pela legislação: separação judicial e o divórcio. Esses dois estados funcionam de forma separada, configurando uma dinâmica diferente do

que a tradicional. A nova configuração da dinâmica da nupcialidade para o caso brasileiro, pode ser apreciada no Esquema 1.

O Esquema 1 ilustra a dinâmica da nupcialidade, a partir de dois blocos: o primeiro corresponde aos estados transitórios e o segundo corresponde ao estado absorvente (morte).

Esquema 1 Sistema do estado conjugal



O bloco que corresponde ao estado transitório é o mais importante do modelo, dado que ele mostra o circuito pelo qual a nupcialidade vai transitar. A trajetória da dinâmica nupcial inicia-se com o estado de solteiro (a), de onde as pessoas podem passar ao estado absorvente ou ao estado do casamento. O seguinte movimento corresponde à transição do casamento para o estado absorvente ou para o estado de viuvez ou para o estado de separação judicial ou, ainda, para o divórcio (direto). Quando esses três últimos estados nupciais não são absorvidos pela morte, eles podem voltar ao estado do casamento. Nesse processo, as pessoas quando se acham na situação da separação judicial, para voltar a casar passam pelo estado do divórcio (indireto).

O segundo bloco que corresponde ao estado absorvente revela o fim do movimento do modelo, aqui todos os estados denominados transitórios finalizam sua trajetória.

Seguindo esse arcabouço teórico, Shoen vem aplicando esse modelo de tábuas multiestado para dados norte-americanos. Além de Shoen e Nelson (1974), tem Shoen e Weinick (1993) e, mais recentemente, Shoen e Standish (2001). Nesse último, utilizando dados de 1995 comparados com dados de 1988, encontraram que a idade média no primeiro casamento subiu substancialmente: de 28,6 anos para os homens e 26,6 anos para as mulheres. A probabilidade de um casamento terminar em divórcio mudou pouco e foi para 0,437 para homens e 0,425 para as mulheres. Além disso, no artigo os autores argumentam que os padrões de casamento e divórcio observado desde 1970, mostram o efeito que a coabitação tem na família americana, adiando mas não substituindo o casamento.

METODOLOGIA E FONTES DE DADOS

Aqui são descritas as fontes de dados utilizadas e o modelo da tábua de vida multiestado.

As informações básicas para o estudo dos estados conjugais provêm de duas fontes: i) Estatísticas do Registro Civil e ii) Censo Demográfico para os anos 1991, 2000 e 2010 respectivamente, realizadas pelo Ministério do Planejamento e Orçamento (MPO) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As informações coletadas no Registro civil são os dados oficiais de casamento, separação judicial e divórcio, obtidos através de registros contínuos do evento de interesse ao longo do ano. Portanto, as informações provenientes dessa fonte são informações de período.

No caso do Censo Demográfico, os dados referem-se ao volume da população segundo o estado conjugal, ou seja, pessoas em situação de solteiro (a), casado (a), viúvo (a), separado (a) judicialmente e divorciado (a). Essa informação determina o número de pessoas que na data da pesquisa (01/09/1991, 01/08/2000 e 01/08/2010) encontrava-se em determinado estado conjugal.

É importante destacar que ficam fora da análise deste trabalho, os casamentos realizados no âmbito religioso, as uniões consensuais e as separações não judiciais.

No Brasil, até 2010, havia duas formas de dissolução do casamento: a separação judicial e o divórcio, os quais são importantes diferenciá-los, já que somente o divórcio (além da morte de um dos cônjuges e da anulação do casamento) é capaz de romper definitivamente o vínculo matrimonial. A separação judicial, por sua vez, apenas põe fim às relações do casamento,

mantendo intacto o vínculo existente entre os ex-cônjuges (CARVALHO NETO, 2001). Nesse sentido, o presente trabalho leva em consideração na análise à separação judicial e o divórcio, como coisas distintas.

Para estimar a transição de casado para divorciado, foi levado em conta o divórcio concedido somente quando os cônjuges vinham do casamento, ou seja, a transição é feita de forma direta, conhecida legalmente por divórcio direto. Para a transição de separado para divorciado foi considerado apenas o divórcio em que os cônjuges vinham somente da separação judicial, ou seja, para que a transição ao divórcio se concretize o cônjuge deve passar primeiro pela separação judicial, motivo pelo qual a legislação a denomina de divórcio indireto.

É importante destacar que, a Emenda Constitucional (EC) 66/2010, pôs fim à dissolução da sociedade conjugal, por meio da separação judicial, seja ela consensual ou litigiosa, estabelecendo o divórcio imediato. Antes da EC nº 66/2010, a separação judicial ou de fato era uma etapa a ser cumprida para se pleitear o divórcio. Esse obstáculo ao fim do vínculo matrimonial era imposto pelo art. 226, § 6º, da Constituição Federal (CF) segundo o qual o casamento civil seria finalizado pelo divórcio, após separação judicial por mais de um ano, ou separação de fato, caso comprovada, por mais de dois anos. Após essa emenda constitucional, o art. 226, § 6º, da CF passou a ter uma redação mais simples: “§ 6º O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio.” Na realidade, por meio dessa simplificação, duas modificações de impacto foram feitas: a) o fim do instituto da separação judicial; b) a extinção do prazo mínimo para a dissolução do vínculo matrimonial (eis que não há mais referência à separação de fato do casal há mais de dois anos) (CAHALI, 2011). Como o período do estudo se dá em 1991, 2000 e 2010 a lei 66/2010, ainda não havia entrando em vigor, assim para o presente trabalho foi analisado também a separação judicial como dissolução matrimonial.

Divórcio: É a dissolução do casamento, ou seja, extinção do vínculo matrimonial que se opera mediante sentença judicial, conferindo as partes o direito de um novo casamento civil, religioso e/ou outras cláusulas de acordo com a legislação de cada país.

MODELO DE TÁBUA DE VIDA MULTIESTADO

As tábuas multiestado são desenvolvidas a partir da ideia Markoviana. Desta forma, Schoem (1988)¹ argumenta que os vários estados de nupcialidade e a morte constituem os elementos de um processo de Markov,

através do qual a probabilidade de transição entre dois estados, i e j , é tomada considerando só o estado atual do indivíduo. Isto implica numa limitação do modelo, pois seria esperado que uma pessoa que, por exemplo, era casada, separou-se e depois se casou novamente tenha probabilidade de separar desse último casamento diferente daquela que está no primeiro matrimônio.

Contudo, não se deve desprezar a abordagem Markoviana, pois mesmo supondo haver diferença entre as probabilidades exemplificadas no parágrafo anterior, não há nenhuma razão para imaginar que no geral essas diferenças sejam de magnitude significativa.

As probabilidades de transição, segundo o processo Markoviano, são expressas da seguinte forma:

$$\pi_{ij}(x,t) = \text{prob} \{S(x+t) = j | S(x) = i\} \quad (1)$$

Onde, $\pi_{ij}(x,t)$ denota a probabilidade de uma pessoa no estado i à idade exata x esteja no estado j na idade $x+t$.

As tabelas multiestados aqui desenvolvidas baseiam-se em três condições estabelecidas pela teoria Markoviana: “tempo não homogêneo”, “espaço finito”, e processo de Markov de “tempo contínuo”.

Segundo Schoem (1988), a propriedade do tempo não homogêneo expressa que as forças de decremento podem variar dentro dos intervalos de idade. Espaço finito diz que o modelo contém $k+1$ estados onde k é um inteiro positivo maior que 1. O estado $(k+1)$ é dito absorvente (i.e., um estado onde não há nenhum decremento, por exemplo, morte). Quanto aos outros K estados, pelo menos dois são comunicáveis, de maneira que haja incrementos (concorrentes) em pelo menos um caso. A propriedade de tempo-contínuo permite usar cálculos entre intervalos de tempo discreto (ou idade) para descrever o comportamento do modelo.

Neste quadro, as tábuas de vida multiestado (TVME) podem ser organizadas a partir das probabilidades de transição definidas na equação (1), onde os $(k+1)$ por $(k+1)$ estados representam a matriz de probabilidades $\Pi(x,t)$. Desta forma, aplicando esta metodologia aos dados de nupcialidade utilizados, temos $K=5$ estados denominados transitórios, isto é solteiro (a), casado (a), separado (a) judicialmente, divorciado (a) e viúvo (a). Assim, o sexto estado $(K+1)$, chamado absorvente representa a morte. A matriz $\Pi(x,t)$ fica, portanto, expressa da seguinte forma:

$$\Pi(\mathbf{x}, \mathbf{t}) = \begin{bmatrix} \pi_{11}(x, t) & \dots & \pi_{12}(x, t) & \dots & \pi_{13}(x, t) & \dots & \pi_{14}(x, t) & \dots & \pi_{15}(x, t) & \dots & \pi_{16}(x, t) \\ \pi_{21}(x, t) & \dots & \pi_{22}(x, t) & \dots & \pi_{23}(x, t) & \dots & \pi_{24}(x, t) & \dots & \pi_{25}(x, t) & \dots & \pi_{26}(x, t) \\ \pi_{31}(x, t) & \dots & \pi_{32}(x, t) & \dots & \pi_{33}(x, t) & \dots & \pi_{34}(x, t) & \dots & \pi_{35}(x, t) & \dots & \pi_{36}(x, t) \\ \pi_{41}(x, t) & \dots & \pi_{42}(x, t) & \dots & \pi_{43}(x, t) & \dots & \pi_{44}(x, t) & \dots & \pi_{45}(x, t) & \dots & \pi_{46}(x, t) \\ \pi_{51}(x, t) & \dots & \pi_{52}(x, t) & \dots & \pi_{53}(x, t) & \dots & \pi_{54}(x, t) & \dots & \pi_{55}(x, t) & \dots & \pi_{56}(x, t) \\ \pi_{61}(x, t) & \dots & \pi_{62}(x, t) & \dots & \pi_{63}(x, t) & \dots & \pi_{64}(x, t) & \dots & \pi_{65}(x, t) & \dots & \pi_{66}(x, t) \end{bmatrix} \quad (2)$$

Onde 1 se refere a solteiro (a), 2 a casado (a), 3 a separado (a) judicialmente, 4 significa divorciado (a), 5 a viúvo (a) e 6 a morte. Algumas considerações devem ser feitas sobre a matriz de probabilidades $\Pi(\mathbf{x}, \mathbf{t})$. Primeiro, cada linha denota um espaço amostral condicionado ao estado inicial na idade x , ou seja, reflete todas as transições possíveis de uma pessoa do estado i à idade exata x . Assim, na primeira linha, por exemplo, têm-se todas as transições possíveis daquelas pessoas que eram solteiras à idade x . Desta forma, elas tem uma probabilidade $\pi_{11}(x, t)$ de chegarem a idade $x+t$ ainda solteiras, ou uma probabilidade $\pi_{12}(x, t)\pi_{12}(x, t)$ de estarem casadas aos $x+t$ anos, dados que era solteira aos x anos. Neste sentido, percebe-se que cada linha desta matriz de probabilidades deve somar 1 (um). Além disso, a última linha, referente ao estado absorvente, deve ser composta por 0 (zeros), exceto na última coluna, onde $\pi_{66}(x, t)\pi_{66}(x, t)$ deve ser igual a 1 (um).

A probabilidade de transição, ou seja, a probabilidade de que uma pessoa do estado i à idade exata x chegue à idade $x+t$ no estado j , é escrita em termos da função de sobrevivência da seguinte forma:

$$\pi_{ij}(x, t) = \frac{l_{ij}(x+t)}{l_i(x)} \quad (3)$$

Onde:

- I. $l_i(x)$ representa o número de pessoas no estado i à idade exata x ;
- II. $l_{ij}(x+t)$ representa o número de pessoas que na idade exata x estão no estado i , e na idade exata $x+t$ pertencem ao estado j , ou seja, representa o número de pessoas que transitaram de i para j entre as idades exatas x e $x+t$;
- III. l_{ij} corresponde aos fluxos brutos, pois eles representam o resultado de muitos movimentos individuais entre os estados.

Com efeito, esta é a relação entre a probabilidade de transição e a função $l(x)$ da tábua de vida, mas há um passo anterior a esse, necessário para a operacionalização dos cálculos, que é escrever a probabilidade de transição como função das taxas de transição calculadas a partir dos dados².

PERFIL DOS ESTADOS NUPCIAIS NO BRASIL

As análises dos resultados que a seguir se expõem, fazem referência às probabilidades de ingresso ao primeiro matrimônio, dissolução do casamento, recasamento e expectativa de vida de homens e mulheres de permanecer solteiro(a), casado(a), divorciado(a) e viúvo(a).

Probabilidades de ingresso ao primeiro matrimônio

Com o objetivo de mostrar as transformações da nupcialidade no longo das três décadas passadas, os gráficos 1, 2 e 3 apresentam o perfil das probabilidades do ingresso ao primeiro matrimônio, ou seja, a transição de solteiro(a) para casado(a) por sexo e grupo de idade, para os anos 1991, 2000 e 2010, respectivamente.

Em termos gerais esses resultados revelam que as probabilidades de ingresso ao casamento à medida que avança na idade sua trajetória desenha um padrão curvilíneo e côncavo tanto dos homens como das mulheres no trânsito de solteiro (a) para casado (a), com ritmo acelerado e crescente até os 30 anos, para então, desabar rapidamente até os 50 anos se estabilizando para as demais idades.

Quando observamos este fenômeno por sexo, os resultados mostram que nas mulheres a probabilidade de contrair as primeiras núpcias em 1991, a partir dos 20 anos, já se apresentava maior em relação ao dos homens, esse diferencial vai aumentando com a idade, até alcançar uma probabilidade máxima ao completar os 30 anos de 70% no caso das mulheres frente a 40% no caso dos homens.

Nove anos mais tarde (2000), o processo de mudança do perfil de ingresso ao casamento por sexo e idade, apresenta características de mudança surpreendentes: i) a trajetória das probabilidades segundo a idade delineiam um desenho curvilíneo similar ao de 1991, ii) apesar dessa trajetória ser similar,

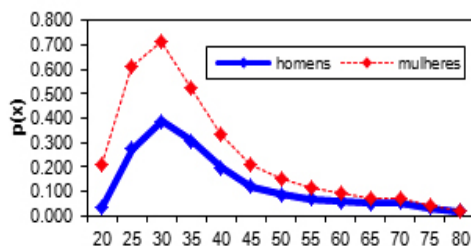
2. Este procedimento está amplamente descrito com maiores detalhes no trabalho: (FREIRE e AGUIRE, 2000). Além desse, esses autores também utilizaram essa metodologia nos seguintes trabalhos: (FREIRE, AGUIRE, MONTENEGRO e ARAÚJO, 2006) e (FREIRE, SPYRIDES, AGUIRE e ARAÚJO, 2010).

os níveis das probabilidades por idade são completamente diferentes principalmente nas faixas etária 20 e 30 anos, mostrando um padrão de queda brusca nas probabilidade de ingresso ao primeiro matrimonio, principalmente quando homens e mulheres completam os 30 anos, que no caso das mulheres, chegou perto de 40%, e no caso dos homens próximo de 20%.

Nos dez anos subsequentes, o perfil de ingresso ao matrimônio continua seu processo de transformação, desta vez não apenas apresentando um ritmo de queda em todas as idades, mas também, e surpreendentemente, as probabilidades de ingresso ao matrimônio por idade das mulheres serem quase iguais ao dos homens, chegando aos 30 anos a um nível máximo de 20% em 2010, para ambos os sexos. Ou seja, nesses 19 anos houve intenso processo de mudança do perfil de ingresso ao primeiro matrimônio das mulheres, saindo de probabilidade de primeiro casamento bem mais altas nas idades abaixo dos 30 anos, até chegar bem próximo ao perfil de casamento que apresentam os homens em 2010. Será que se pode dizer que houve uma transição dos níveis de primeiro casamento de mulheres nos últimos 19 anos?

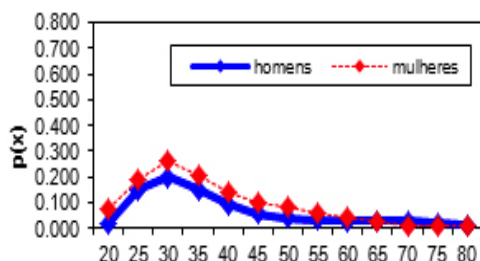
Frente a esse fato, surgem algumas questões importantes que merecem serem refletidas em profundidade, quais são as causas que estariam explicando essas mudanças do perfil de ingresso ao primeiro casamento principalmente das mulheres? Ainda não existem evidências científicas que expliquem esse fato, mas algumas hipóteses podem servir como pistas a seguir: i) aumento na idade média de ingresso ao matrimônio tanto para os homens quanto para as mulheres, ii) as mulheres antes de casar estariam preferindo primeiro a realização profissional; iii) tanto de homes quanto mulheres estão optando cada vez mais por uniões consensuais.

Gráfico 1 – Brasil 1991: Probabilidade do primeiro casamento por sexo e grupo de idade



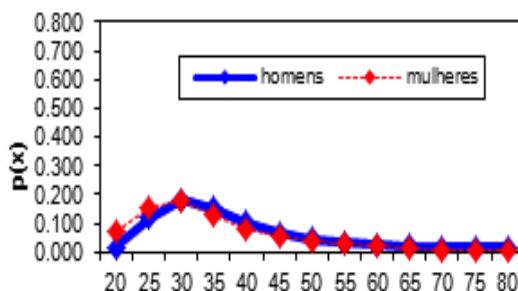
Fonte: Tabelas A1 e A2

Gráfico 2 – Brasil 2000: Probabilidade do primeiro casamento por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A3 e A4

Gráfico 3 – Brasil 2010: Probabilidade do primeiro casamento por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A5 e A6

Probabilidade de dissolução do casamento

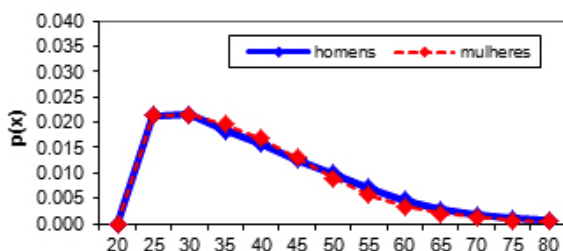
No Brasil, as formas de dissolução do casamento eram por três vias: i) morte de um dos conjugues, ii) divórcio e iii) separação judicial, esta última até 2010 era um modo de extinção da união conjugal, mas não dissolvia o vínculo de núpcias. A Emenda Constitucional 66/2010, criada no ano de 2010 põe fim a dissolução da união conjugal, por meio da separação judicial, com esta medida se buscou dar maior fluidez a este tipo de separação legal e amparada por lei.

Neste quadro, o perfil da separação judicial entre 1991 a 2010 experimenta mudanças importantes como pode se apreciar nos Gráficos 4, 5 e 6 que expõem as probabilidades de separação judicial por sexo e idade para esses anos. De forma genérica, observa-se claramente que nos três

períodos a probabilidade de separação judicial quase não apresenta diferencial por sexo nem por idade, ou seja, tanto homens quanto mulheres têm um padrão semelhante, indicando um aumento até os 25 anos, idade que seria o ponto de inflexão e daí experimentam uma queda vertiginosa até os 65 anos, para depois tender a se estabilizar em praticamente 0 (zero).

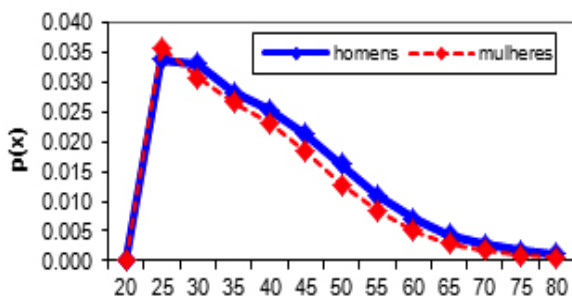
Os resultados mostram também que entre os períodos 1991 e 2000 houve um aumento crescente no nível das probabilidades da separação judicial a partir dos 25 até os 45 anos, tanto nos homens quanto nas mulheres, mas entre 2000 e 2010 este cenário (para as mesmas idades) muda e experimenta uma queda considerável na probabilidade de uma pessoa casada obter separação judicial para ambos os sexos.

Gráfico 4 – Brasil 1991: Probabilidade de separação judicial por sexo e grupo de idade



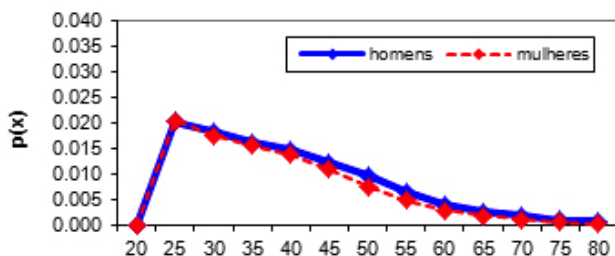
Fonte: Tabelas A1 e A2

Gráfico 5 – Brasil 2000: Probabilidade de separação judicial por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A3 e A4

Gráfico 6 – Brasil 2000: Probabilidade de separação judicial por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A5 e A6

Outra forma de dissolução ou separação no caso do Brasil é o divórcio (reconhecido legalmente). Os gráficos 7, 8 e 9 apresentam as probabilidades do casamento terminar em divórcio por grupo de idade e sexo para os anos 1991, 2000 e 2010, respectivamente.

Os resultados observados por sexo e idade estão mostrando para ambos os casos uma tendência de aumento das probabilidades de divórcio entre 1991 a 2010, destacando sempre a probabilidade de divórcio maior das mulheres. Todavia, no mesmo Gráfico pode se observar para 1991 e 2000 que as mulheres estariam se divorciando com maior intensidade entre as idades de 30 a 35 anos em relação aos homens com essas mesmas idades. Dez anos mais tarde (2010), o perfil da intensidade dos divórcios se faz mais jovem, entre as idades 25 e 30 anos, cinco anos mais cedo em relação ao período anterior.

Merece uma análise particular a probabilidade de divórcio aos 30 anos tanto de mulheres como dos homens, pelos maiores aumentos experimentados em relação ao resto das idades. Assim, o aumento das probabilidades de divórcio das mulheres aos 30 anos entre 1991 a 2000 foi aproximadamente de 50%, já para o período 2000 a 2010 este aumento fica por volta dos 45%. No caso dos homens, o aumento na probabilidade de divórcio aos 30 anos para o primeiro período (1991 a 2000) é muito mais expressivo em relação ao das mulheres, chegando aproximadamente 86%, e para o segundo período (2000 a 2010) este incremento atinge aproximadamente 70%. Depois desses picos nas probabilidades de divórcio esse fenômeno experimenta no resto das idades tendência de queda, em todos os períodos estudados.

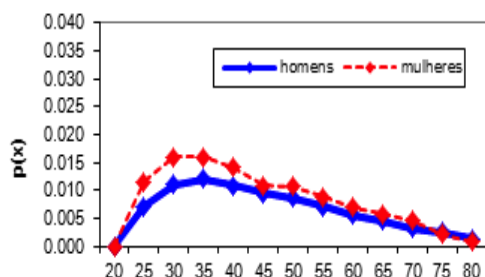
O aumento nas probabilidades do divórcio pode ser por causa da ampliação do acesso e à desburocratização dos serviços de justiça, fato que poderia estar explicando a diminuição da separação judicial, já que, com

possibilidade de requerer a dissolução do casamento a qualquer tempo e a diminuição dos trâmites legais para conseguir um desvinculo matrimonial, as pessoas agora podem transitar diretamente para o divórcio, sem necessariamente adquirir antes a separação judicial.

Segundo o especialista em Direito de Família, Josino Ribeiro Neto, antes era preciso esperar dois anos de separação de fato ou um ano de separação judicial para o casal se divorciar. Agora, o divórcio pode ser pedido independentemente de qualquer outro requisito, exceto a decisão do casal ou apenas de um deles, de pôr fim o vínculo matrimonial (RIBEIRO NETO, 2011).

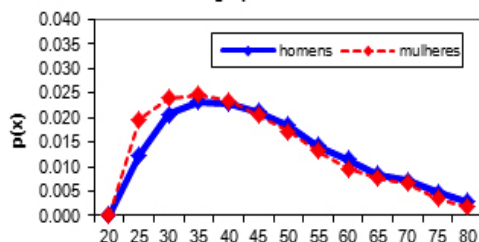
Segundo Shoen e Weinick (1993), em estudo similar, usando tábuas multiestado para avaliar as transições entre estados conjugais nos Estados Unidos, lá os resultados apontam para uma leve diminuição nos divórcios entre 1983 e 1988. Com a extinção da separação judicial, poderemos verificar essa tendência específica do divórcio.

Gráfico 7 – Brasil 1991: Probabilidade de divórcio por sexo e grupo de idade



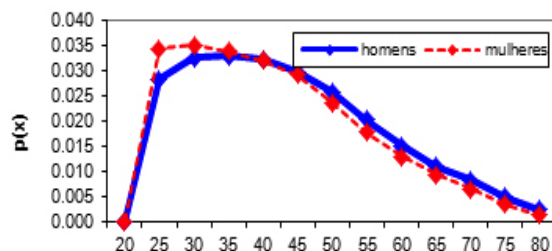
Fonte: Tabelas A1 e A2

Gráfico 8 – Brasil 2000: Probabilidade de divórcio por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A3 e A4

Gráfico 9 – Brasil 2010: Probabilidade de divórcio por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A5 e A6

Probabilidade de recasamento de divorciadas (os)

O recasamento, segundo o ESQUEMA 1, mostra que a dinâmica nupcial adquire movimento quando pessoas que experimentaram o divórcio ou a viuvez podem transitar novamente ao estado de casamento. Nesse quadro, os Gráficos 10, 11 e 12 apresentam as probabilidades de recasamentos de divorciados (as) por sexo e idade para o Brasil em 1991, 2000 e 2010.

De forma genérica, observa-se claramente que nos três períodos a probabilidade de recasamento segundo a idade segue o mesmo padrão, isto é, aumenta até os 30 anos para logo iniciar seu descenso rapidamente até os 45, e daí em diante continuar com um descenso menos intenso, esse fenômeno pode se observar tanto nos homens quanto nas mulheres em 1991 e com similar padrão para os anos 2000 e 2010.

Na análise por sexo e idade o perfil nupcial muda, observando-se um grande diferencial em 1991 entre homens e mulheres onde as probabilidades de novas núpcias são bem maiores nos homens do que nas mulheres. Esse processo inicia-se aos 25 anos e termina à idade dos 80 anos.

Este padrão de novas núpcias por sexo e idade continua no ano 2000 e 2010, embora, em níveis e diferenciais de sexo bem menores. Destaca-se que o reingresso de uma mulher divorciada a um novo casamento oficial é menos provável do que o de um homem divorciado, apesar de este diferencial por sexo tenha diminuído de maneira considerável entre 1991 a 2010.

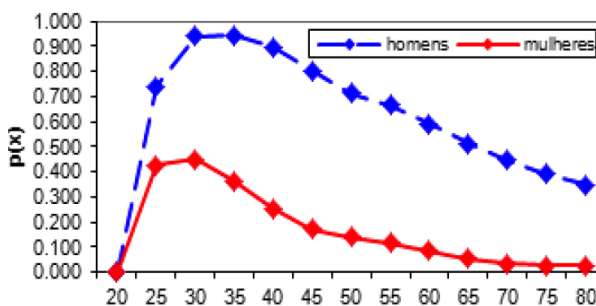
Particularizando a análise na idade de maior representatividade 30 anos, onde a probabilidade de novas núpcias é a maior em relação ao resto das idades, se pode observar que em 1991, o diferencial por sexo destaca claramente a probabilidade mais elevada (0,94) para os homens em relação às mulheres, que registram uma probabilidade bem menor (0,45) para essa mesma idade. Portanto, há um grande diferencial, com as

probabilidades de ingressar novamente à vida conjugal entre os homens 108% maior que para as mulheres aos 30 anos.

Nove anos mais tarde, em 2000, o processo de transição para o estado nupcial casada (o) mostra que a probabilidade de recasamento experimenta queda vertiginosa na idade dos 30 anos, registrando valores de 0,39 para os homens e 0,22 para as mulheres, isto significa um diferencial entre eles da ordem de 1,77 a favor dos homens, ou seja, a probabilidade de contrair novas núpcias é 77% maior nos homens do que nas mulheres para esta mesma idade.

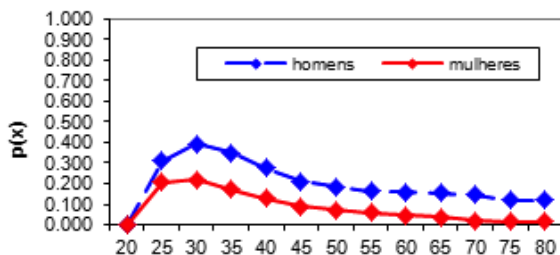
Já no ano 2010, o processo de transição continua dinâmico, mas o padrão não muda, assim, na idade de referência 30 anos, as probabilidades de recasamento nos homens (0,38) continuam maiores em relação à probabilidade de novas núpcias das mulheres (0,29), embora esses valores tenham experimentado quedas importantes em relação a 1991, ainda, o diferencial por sexo é grande, com a probabilidade de recasamento dos homens 31% maior que a probabilidade de contrair novas núpcias nas mulheres. Apesar das probabilidades de ingressar novamente ao casamento entre homens e mulheres tenha diminuído nos últimos 30 anos, ainda pode se observar que a probabilidade de uma mulher divorciada voltar a casar é muito mais baixa do que a probabilidade de um homem divorciado da mesma idade casar novamente.

Gráfico 10 – Brasil 2010: Probabilidade de recasamento de divorciados por sexo e grupo de idade



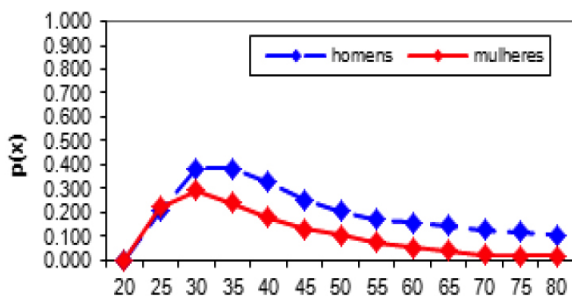
Fonte: Tabelas A1 e A2

Gráfico 11 – Brasil 2000: Probabilidade de recasamento de divorciados por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A3 e A4

Gráfico 12 – Brasil 2010: Probabilidade de recasamento de divorciados por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A5 e A6

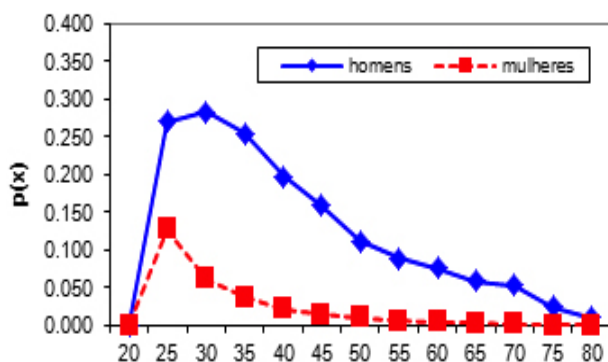
Probabilidades de recasamentos de viúvos (as)

As probabilidades de recasamentos de viúvos(as) são apresentadas nos gráficos 13, 14 e 15 respectivamente, esses gráficos estão mostrando padrão similar ao constatado no recasamento de pessoas divorciadas, com importantes diferenciais por sexo e idade, destacando que a probabilidade de recasamento de uma mulher viúva é menor do que a probabilidade de recasamento de um homem viúvo.

Além disso, observa-se também que essas probabilidades têm diminuído consideravelmente em 19 anos (1991-2010). Analisando por faixa etária, a probabilidade de um homem viúvo voltar a casar aos 25 anos em 1991 era de 0,23 e em 2010 essa probabilidade desaba para 0,12. De um modo geral, observamos que para ambos os sexos, as probabilidades vão

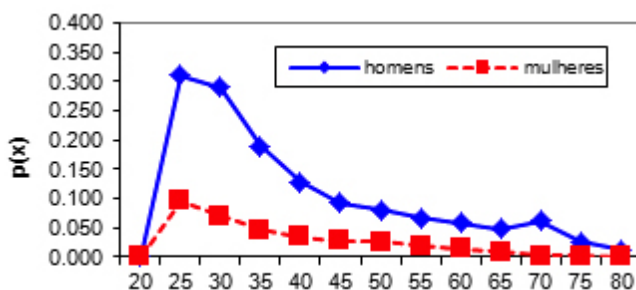
decrecendo à medida que avança a idade. Isso mostra que, quanto mais tarde os casamentos forem dissolvidos, menores serão as probabilidades de recasamentos. Pode-se notar também que a probabilidade de uma mulher viúva voltar a casar é bem menor do que a probabilidade de um homem viúvo voltar a casar. Contudo, assim como no recasamento de divorciados, o diferencial por sexo diminuiu consideravelmente.

Gráfico 13 – Brasil 1991: Probabilidade de recasamento de viúvos por sexo e grupo de idade



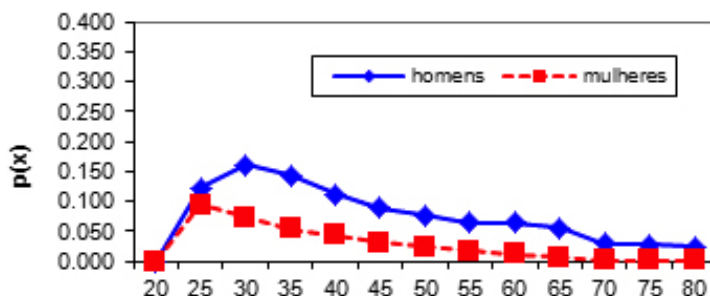
Fonte: Tabelas A1 e A2

Gráfico 14 – Brasil 2000: Probabilidade de recasamento de viúvos por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A3 e A4

Gráfico 15 – Brasil 1991: Probabilidade de recasamento de viúvos por sexo e grupo de idade



Fonte: Tabelas A5 e A6

Expectativa de vida de cada estado conjugal

A expectativa de vida ao nascer de uma coorte submetida a uma determinada situação de mortalidade representa o tempo médio de vida a partir do nascimento. Assim, nas tabelas 2, 3 e 4 apresentam-se os resultados das esperanças de vida a partir dos 20 anos segundo estado conjugal, para ambos os sexos, nos anos 1991, 200 e 2010.

Esses resultados reproduzem que entre a vida e morte, o indivíduo experimenta diferentes situações conjugais pelas quais tem que atravessar. Comparando-se os anos 1991, 2000 e 2010, nota-se que as pessoas estão vivendo mais tempo no estado conjugal solteiro. A expectativa média de vida a partir dos 20 anos teve um aumento de 1991 a 2010 de 6,75 anos para os homens e 4,29 anos para as mulheres. Em relação à separação dos cônjuges tanto para o divórcio quanto para a separação judicial também teve um aumento, mas as mulheres ainda permanecem mais tempo nesses estados conjugais, devido às dificuldades para encontrar um novo parceiro. No que diz respeito à viuvez, a partir dos 20 anos de idade, houve uma diminuição significativa no tempo vivido como viúvo em ambos os sexos, nas mulheres foi de 3,68 anos e nos homens de 0,67 anos no período 1991-2010.

Os resultados da esperança de vida por estado conjugal sustentam ainda mais os resultados das probabilidades de transição. Por exemplo, o fato das mulheres terem, em média, menos tempo de vida no casamento quando comparadas aos homens, e por outra parte, terem uma fração do tempo de suas vidas vividas como separadas, divorciadas e viúvas maior do que os homens, reflete precisamente os diferenciais por sexo descobertos nas probabilidades de recasamento, divórcio e viuvez para o período de 1991, 2000 e 2010.

Tabela 2 – Brasil 1991: Esperança de vida por sexo e idade segundo estado conjugal

Idade	MMasc. s(x)	FFem. s(x)	MMasc. c(x)	FFem. c(x)	Masc. esep (x)	Fem. esep (x)	MMasc. ed (x)	FFem. ed (x)	Masc. ev (x)	FFem. ev (x)	Masc. e(x)	FFem. e(x)
220	111,56	112,57	229,28	227,05	0,57	1,37	00,41	22,01	22,13	88,62	443,94	551,63
225	77,63	99,25	229,03	225,70	0,57	1,36	00,41	22,01	22,17	88,68	339,81	447,01
330	55,06	77,10	227,63	223,31	0,54	1,31	00,40	11,98	22,23	88,76	335,87	442,46
335	33,53	55,64	225,39	220,39	0,49	1,22	00,37	11,92	22,30	88,86	332,10	338,03
440	22,52	44,51	222,82	117,35	0,42	1,11	00,33	11,81	22,39	88,97	228,48	333,75
445	11,78	33,57	220,06	114,31	0,34	0,98	00,27	11,68	22,49	99,10	224,96	229,64
550	11,21	22,78	117,28	111,36	0,27	0,84	00,22	11,52	22,61	99,20	221,59	225,71
555	00,78	22,11	114,52	88,58	0,20	0,70	00,16	11,35	22,73	99,25	118,38	221,99
660	00,46	11,54	111,84	66,00	0,14	0,56	00,12	11,17	22,84	99,12	115,40	118,39
665	00,24	11,06	99,24	33,77	0,09	0,44	00,08	00,98	22,90	88,74	112,56	114,99
770	00,10	00,66	66,83	22,02	0,05	0,32	00,05	00,78	22,87	88,00	99,90	111,78
775	00,03	00,37	44,77	00,85	0,03	0,21	00,03	00,58	22,69	66,85	77,55	88,86
880	00,01	00,19	33,15	00,30	0,01	0,12	00,02	00,37	22,14	55,12	55,33	66,09

Fonte: Elaborado com base dados do Registro Civil-1991 e Censo Demográfico-1991

Tabela 3 – Brasil 2000 - Esperança de vida por sexo e idade segundo estado conjugal

Idade	MMasc. es(x)	FFem. es(x)	Masc. ec(x)	FFem. ec(x)	Masc. esep (x)	FFem. esep (x)	MMasc. ed (x)	Fem. ed (x)	Masc. ev (x)	Fem. ev (x)	M. Masc. e(x)	Fem. e(x)
220	224,52	227,28	19,24	117,91	1,29	1,69	1,40	2,32	1,49	4,96	47,94	54,15
225	220,39	223,32	19,08	117,10	1,30	1,68	1,42	2,32	1,52	4,98	43,71	49,40
330	117,06	220,10	18,18	115,66	1,29	1,63	1,43	2,29	1,54	5,01	39,50	44,70
335	114,43	117,41	16,69	113,86	1,24	1,54	1,40	2,23	1,57	5,04	35,33	40,07
440	112,22	115,02	14,93	111,92	1,16	1,43	1,34	2,12	1,61	5,07	31,25	35,55
445	110,30	112,85	13,12	99,98	1,05	1,29	1,24	1,97	1,64	5,09	27,35	31,18
550	88,58	110,85	11,32	88,10	0,92	1,13	1,11	1,78	1,69	5,10	23,62	26,97
555	77,03	99,00	9,55	66,30	0,78	0,98	0,96	1,58	1,72	5,07	20,05	22,94
660	55,63	77,30	7,85	44,62	0,65	0,82	0,80	1,37	1,74	4,95	16,68	19,07
665	44,39	55,74	6,23	33,14	0,53	0,67	0,65	1,15	1,74	4,72	13,54	15,43
770	33,31	44,32	4,72	11,90	0,42	0,52	0,51	0,93	1,67	4,30	10,62	11,97
775	22,36	33,04	3,35	11,00	0,31	0,38	0,37	0,70	1,50	3,61	7,88	8,72
880	11,52	11,89	2,17	00,46	0,20	0,23	0,24	0,43	1,10	2,53	5,23	5,55

Fonte: Elaborado com base dados do Registro Civil- 2000 e Censo Demográfico- 2000

Tabela 4 – Brasil 2010- Esperança de vida por sexo e idade segundo estado conjugal

<i>Idade</i>	<i>Masc es(x)</i>	<i>Fem es(x)</i>	<i>Masc ec(x)</i>	<i>Fem ec(x)</i>	<i>Masc esep(x)</i>	<i>Fem esep(x)</i>	<i>MMasc ed(x)</i>	<i>FFem ed(x)</i>	<i>MMasc ev(x)</i>	<i>FFem ev(x)</i>	<i>MMasc e(x)</i>	<i>FFem e(x)</i>
20	27,71	28,60	19,33	19,04	0,64	0,87	1,55	2,56	1,46	4,84	50,69	55,92
25	23,53	24,46	19,27	18,40	0,65	0,87	1,57	2,56	1,48	4,86	46,50	51,15
30	20,01	21,07	18,53	17,09	0,64	0,84	1,57	2,52	1,50	4,88	42,25	46,41
35	17,13	18,25	17,16	15,32	0,62	0,80	1,53	2,43	1,52	4,90	37,96	41,71
40	14,71	15,80	15,44	13,34	0,58	0,74	1,44	2,30	1,54	4,92	33,70	37,09
45	12,58	13,57	13,57	11,29	0,52	0,67	1,31	2,11	1,56	4,93	29,54	32,57
50	10,68	11,53	11,69	9,28	0,45	0,59	1,16	1,89	1,57	4,92	25,55	28,21
55	8,97	9,64	9,84	7,33	0,38	0,50	0,98	1,65	1,58	4,87	21,76	23,99
60	7,42	7,87	8,04	5,50	0,32	0,42	0,80	1,39	1,57	4,75	18,14	19,93
65	5,97	6,21	6,31	3,84	0,25	0,34	0,62	1,13	1,52	4,51	14,68	16,03
70	4,65	4,68	4,71	2,44	0,19	0,26	0,45	0,87	1,42	4,09	11,43	12,35
75	3,43	3,30	3,28	1,38	0,13	0,18	0,31	0,62	1,22	3,45	8,37	8,93
80	2,26	2,06	2,06	0,69	0,08	0,11	0,18	0,37	0,85	2,42	5,43	5,64

Fonte: Elaborado com base dados do Registro Civil- 2010 e Censo Demográfico- 2010

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dos padrões de comportamento demográfico tanto de homens como de mulheres no ingresso ao casamento e separações, antes que conclusivos orientam a levantar possibilidades (questões) de futuras investigações com especificidades próprias da nupcialidade, que poderiam ser abordadas em estudos sóciodemográficos.

Com relação às probabilidades do primeiro casamento, entre 1991, 2000 e 2010 houve decréscimo em todas as faixas etárias. Esse fato pode ser devido ao crescimento significativo das uniões consensuais, que em 2010 representou, no país, 36,4%. Outro fator que estaria contribuindo para o adiamento de ingresso ao primeiro matrimônio seria o fato das pessoas estarem optando por passar mais tempo na situação de solteiro. Nesse sentido cabe perguntar, quais as razões que estariam levando homens e principalmente às mulheres adiar o casamento? E quais as razões que estariam levando tanto os homens quanto às mulheres a optarem pela união consensual?

Com relação ao divórcio, houve um aumento substancial no período estudado (1991, 2000 e 2010), atingindo o seu maior patamar em 2010, principalmente no caso das mulheres de 25 a 35 anos, dado que apresentam uma probabilidade de se divorciar maior do que os homens. Porque as mulheres de idades jovens estariam tomando esta decisão? No caso do divórcio, isso pode ocorrer devido à mudança na legislação.

Quanto ao recasamento de divorciados e viúvos, os dados mostram que em 1991 os homens tinham maior probabilidade de ingressar a um novo

casamento quando comparados com as mulheres. Ou seja, em 1991 um homem jovem, com idade por volta de 30 anos tinha praticamente como certo um novo casamento ao se divorciar. No entanto, 19 anos depois esse padrão mudou substancialmente, praticamente igualando homens e mulheres nesse quesito. Esse novo padrão de recasamento chama atenção, pesquisas de ordem qualitativas poderiam ajudar a trazer elucidações sobre o entendimento deste fenômeno.

REFERÊNCIAS

BIXBY, L.R. (1978). *Nupcialidade y fecundidade em cuatro zonas rurales de América Latina*. Serie C.N 1008, San José - Costa Rica.

CAHALI, Y. S. (2011). *Separações Conjugais e Divórcios*. Ed. Revista dos Tribunais, 12ª ed, 1088p.

CENSO DEMOGRÁFICO – CD (1980). *Nupcialidade, Fecundidade e Mortalidade*. Ministério do Planejamento e Orçamento. Fundação Instituto Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE. No 1.

_____. (1991). *Nupcialidade, Fecundidade e Mortalidade*. Ministério do Planejamento e Orçamento. Fundação Instituto Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE. No 1.

_____. (2000). *Nupcialidade, Fecundidade e Mortalidade*. Ministério do Planejamento e Orçamento. Fundação Instituto Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE. No 1.

_____. (2010). *Nupcialidade, Fecundidade e Mortalidade*. Ministério do Planejamento e Orçamento. Fundação Instituto Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE.

ESTATÍSTICA DO REGISTRO CIVIL – RC. (2000) Ministério do Planejamento e Orçamento. Fundação Instituto Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas Departamento de População, v. 18.

FREIRE, F.H.M.A.; SPYRIDES M.H. C.; AGUIRRE, M.A.C.; ARAÚJO, K.L.S. (2010). *Encontros e reencontros: um diagnóstico da dinâmica matrimonial no nordeste do Brasil*. *R.bras.Estat.*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 234, p.43-44 73, jan./dez.

_____.; AGUIRRE, M.A.C.; MONTENEGRO, A.A.F.; ARAÚJO, K.L.S.(2006). *Casamento e recasamento: uma análise multivariada do mercado matrimonial no Nordeste*. Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais.

_____.; AGUIRE, M.A.C. (2000). *Dinâmica entre os estados conjugais da população brasileira: uma aplicação das tábuas de vida multiestado para medir probabilidades de transição*. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000, Caxambu. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: ABEP, v. VL 1.

JACOBSON, P.H. (1959). *American Marriage and Divorce*. New York: Rhinehart.

JONES, J. P. (1962). *Remarriage tables based on experience under OASDI and United States Employees Compensation Systems*. U.S. Department of Health, Education and Welfare, Social Security Administration. Actuarial Study No 55. Washington,

D.C.: Government Printing Office.

KRISHNAN, P. (1971). **Divorce tables for females in the United States: 1960.** In: *Journal of Marriage and the Family* 33 (May), p. 318-320.

LIVI BACCI, M. (1993). **La formación y disolución de las parejas.** In: *Introducción a la demografía.* Ariel, Barcelona España, p. 193-226.

MANKEN, J.; TRUSSEL, J.; STEMPEL, D.; BABAKOL, O. (1981). **Proportional hazard life able models: an illustrative analysis of sociodemographic influences on marriage dissolution in the United States.** In: *Demography*, 18(May), p.181-200.

McCARTHY, J. F. (1978). **A comparison of the probability of the dissolution of first and second marriage.** In: *Demography* 15 (August), p. 345-359.

_____. (1977). **Patterns of Marriage Dissolution in the United States.** Doctoral dissertation, Princeton University.

NEWELL, C. (1988). **Methods and Models in Demography.** New York, the Guilford Press.

NIESSEM, A.M. (1949). **A revised American remarriage table.** *Record of the American Institute of Actuaries* 38, p.5-18.

SAVELAND, W.; GLICK, P.C. (1969). **First marriage decrement tables by color and sex of the United States in 1958-60.** In: *Demography* 6(August), p. 243-260.

SCHOEN, R. (1988). **The Multistate Life Table.** In: *Modeling multigroup populations.* New York: Plenum Press, p. 63-105.

_____.; STANDISH, N. (2001). **The Retrenchment of Marriage: results from Marital States Life Tables for the United States, 1995.** *Population and Development Review*, 27(3): 553-563.

_____.; WEINICK, R. (1993). **The Slowing Metabolism of Marriage: Figures from 1988 U.S. Marital Status Life Tables.** *Demography*, v. 30, n.4.

_____.; NELSON V. E. (1974). **Marriage, Divorce, and Mortality: a life table analysis.** In: *Demography*. v. 11, No 2, p. 267-290.

SPENSHADE, T.J.; EISENBERG B. R. (1993). **Life Course Analysis and Multi-State Demography: An Application to Marriage, Divorce, and Remarriage.** In: *Readings in Population Research Methodology. Nuptiality, Migration, Household, and Family Research.* Published for United Nations Population Fund by Social Development Center Chicago, Illinois, v. 4, p.13-19/13-29.

WILLEKENS, F.J.; SHAH, I.; SHAH, J.M.; RAMACHADRAN, P. (1993). **Multi-State Analysis of Marital Status Life Tables: Theory and Application.** In: *Readings in Population Research Methodology. Nuptiality, Migration, Household, and Family Research*, v. 4, p.13-30/13-37. Published for United Nations Population Fund by Social Development Center Chicago, Illinois.

